

# UM CARNAVAL NA COLÔMBIA – PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE – “A FESTA DE BARRANQUILHA” E SUA RELAÇÃO COM O CARNAVAL AFRO-BRASILEIRO DE SALVADOR NO BRASIL

Martha Sofía Lizcano\*  
Danny González Cueto\*\*  
Joseania Miranda Freitas\*\*\*

## Resumo

Os autores, dois colombianos e uma brasileira, analisam a recente distinção do Carnaval de Barranquilla como *Obra-prima do Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade*. Tomam como referência para este trabalho conjunto a análise da matriz africana expressa em Barranquilla e no carnaval dos blocos afro e afoxés de Salvador (Brasil). Observando-se as similaridades, em localidades distantes geograficamente, é possível perceber como a forma singular de identificação das culturas africanas é reconstruída nas diversas situações da diáspora. O texto trata dos conceitos de memória, patrimônio, monumento, assim como dos instrumentos jurídicos nacionais e internacionais que regulamentam sua conservação, preservação e difusão.

## Palavras-chave

Patrimônio; memória; história e afro-carnaval.

## Abstract

*The authors, two Colombians and one Brazilian, analyze the recent distinction given to Barranquilla's carnival: Masterpiece of the Oral and Intangible Heritage of Humanity. They take as reference for this conjoined work the analysis of the African origin expressed in Barranquilla and in Salvador's carnival (Brazil), where there are African groups and afoxés. Observing the similarities in places that are geographically far, it is possible to understand how the singular form of identification of African cultures is rebuilt in different situations of the Diaspora. The text approaches the concepts of memory, heritage, monument, as well as the legal national and international instruments that regulate their conservation, preservation and diffusion.*

## Key-words

*Heritage; memory; history and Afro-carnival.*

## *Impressões colombianas da festa de Barranquilha*<sup>1</sup>

Por Martha Sofía Lizcano e Danny González Cueto

A cidade de Barranquilha, localizada no norte da Colômbia, na margem esquerda do Rio Grande da Madalena – na sua desembocadura, e próxima ao mar do Caribe –, comemora a cada ano um carnaval que a Unesco distinguiu como uma das Obras-primas do Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade, em sua segunda lista de proclamações. Barranquilha é um dos quatro centros urbanos mais importantes da Colômbia, ao lado de Medellín e Cali, e naturalmente sua capital, Bogotá, porém também é uma das cidades mais populosas da Bacia do Caribe, junto com Havana, São Domingos e Maracaibo.

O Carnaval de Barranquilha compõe, com os carnavais de Brancos e Negros de Pasto, o Carnaval do Diabo do Rio Sujo, as Festas de São Pacho de Quibdó, as Quadrilhas de San Martinho, do estado do Meta, entre outras expressões e espaços culturais, o rico e diverso mosaico cultural da Colômbia, *país dos três mares*, banhado pelo Mar do Caribe, pelo Oceano Pacífico e pelos rios Amazonas e Orenoco, conhecidos como o terceiro mar, *o mar de água doce*,<sup>2</sup> ao mesmo tempo dotado de uma vasta variedade ecológica que o converte, também, em um dos países com maior biodiversidade da terra.

Neste entorno, a Colômbia possui cinco regiões, cada uma com características naturais e culturais próprias: Caribe, Andina, Pacífico, Amazônia e Orenóquia.<sup>3</sup> Estas variadas características moldam a identidade do colombiano que, nas palavras de Gabriel García Márquez, possui dois dons naturais: “a criatividade, expressão superior da inteligência humana. O outro é uma fantástica determinação de promoção pessoal”.<sup>4</sup>

O Caribe é uma das regiões com maior diversidade cultural da Colômbia, na qual o Carnaval de Barranquilha tem o seu cenário de expressão. À chegada dos conquistadores espanhóis, conviviam duas das culturas indígenas mais avançadas do país, os Taironas e os Sinúes, assim como, não menos importantes, os Guajiros, os Tolúes, os Malibúes e os Chimilas, de quem descendem os grupos indígenas atuais que habitam a região. Entre os peninsulares, chegados ao território no século XVI, vieram sevilhanos, galegos, bascos, castelhanos, navarros, andaluzes e asturianos. O comércio de escravos africanos trouxe os antepassados dos atuais afro-caribenhos. Chegaram ao final do século XVI e procediam dos principais estados da Guiné e das regiões do interior da África, enquanto outros, mais tarde, vieram das plantações do Caribe colonial.<sup>5</sup> Durante os séculos XIX e XX, chegaram imigrantes árabes do Oriente Médio e europeus da costa mediterrânea e do Atlântico Norte, motivados pelo crescente comércio portuário de cidades como Barranquilha.<sup>6</sup>

O Caribe colombiano – cuja divisão política compreende atualmente os estados do Atlântico, Bolívar, César, Córdoba, La Guajira, Magdalena, Sucre e o arquipélago de Santo André, Providência e Santa Catarina – foi configurando-se dessa forma em um espaço cultural, que com a força das migrações regionais constitui hoje a base do Carnaval de Barranquilha. Estas circunstâncias culturais e sociais foram facilitadas pela situação da cidade que os recebeu:

A vantagem de estar na desembocadura da principal artéria fluvial da Colômbia, o rio Magdalena, possibilita que Barranquilha seja um porto fluvial e marítimo, e sua situação na zona norte da Colômbia e na área circuncaribenha, permite o deslocamento econômico de Cartagena, Mompox, Santa Marta e El Banco (...).<sup>7</sup>

Barranquilha observou um desenvolvimento econômico vertiginoso nas últimas décadas do século XIX, convertendo-se na cidade colombiana mais importante da época republicana, e seu carnaval se beneficiou deste auge ao conhecer novas influências regionais e estrangeiras. O maior volume de imigrantes estrangeiros entrou pelo porto marítimo da cidade, primeiro por Sabanilla, e logo por Porto Colômbia, local onde foi construído o cais marítimo no final do século XIX, que hoje influi

(...) no caráter cosmopolita e a ascensão pioneira de uma localização portuária com pretensões metropolitanas, assim como na extraordinária cultura importada pelas elites de imigrantes da Alemanha, da Itália, e do Caribe Holandês.<sup>8</sup>

Assim, Barranquilha tem unificado e recriado as diferentes tradições da cultura popular regional, em suas festas, transformando-se em “compêndio vibrante do Caribe, com sua exuberância folclórica, suas histórias palpitantes, sua realidade mítica”<sup>9</sup> que tem merecido a atenção dos estudiosos das ciências humanas e inspirado os criadores nas diferentes manifestações artísticas e culturais,<sup>10</sup> e que da mesma forma requer esforços conjugados para sua proteção e salvaguarda, ante a ameaça da mundialização e a crescente mercantilização local.<sup>11</sup>

Em 2001, o governo federal sancionou a lei que declarou o Carnaval de Barranquilha como Patrimônio Cultural da Nação, junto com o Carnaval de Negros e Brancos de Pasto.<sup>12</sup> Passo que conduziria à proposta e proclamação, no ano de 2003, da festa de Barranquilha como Obra-prima do Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade.<sup>13</sup> A Unesco proclamou, ao lado desta festa, outras 27 expressões e espaços culturais.<sup>14</sup> Porém, como se estabelece o conceito de patrimônio, que nos dias atuais exalta tradições, expressões e espaços da cultura popular, como o Carnaval de Barranquilha? Revisemos a história. Uma origem distante poderia situar-nos na Primeira Conferência Internacional para a conservação

de monumentos históricos, realizada em Atenas,<sup>15</sup> em 1931, que se celebrou com o interesse de conservar monumentos históricos e reuniu somente países europeus. Logo viria uma segunda, em Veneza,<sup>16</sup> em 1964, que ampliou a definição, ao incluir a noção de entorno como monumento e como elemento necessário de contextualização de um bem cultural, reunindo pela primeira vez três países não europeus: México, Peru e Tunísia. Atenas e Veneza se constituirão assim, nos pilares que sustentarão os andaimes dos estudos, proteção, conservação e difusão da cultura em todas as suas formas, que agora chamamos *patrimônio*.

Um avanço significativo na defesa do patrimônio cultural constitui a produção de documentos jurídicos protecionistas, por parte da Conferência Geral da Unesco, desde sua criação em Paris, em 1946, os quais se dividem em dois tipos: as *Convenções* e as *Recomendações*. O primeiro documento relacionado com a proteção e salvaguarda do patrimônio imaterial foi a Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular – definição na qual se inscreve tardiamente o Carnaval de Barranquilha – adotada em 1989. Este documento esclarece o termo Cultura Tradicional e Popular [e o define como]:

(...) conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundada na tradição, expresso por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social (...). Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os ritos, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes.<sup>17</sup>

Por certo, em matéria de legislação sobre cultura tradicional e popular, a África está à frente dos demais continentes.<sup>18</sup>

A recente história, conhecida por todos, assinala que por iniciativa da intelectualidade marroquina e do escritor arabista espanhol Juan Goytisolo<sup>19</sup> – reunidos sob o importante marco da Consulta Internacional de Peritos sobre a Preservação dos Espaços Culturais Populares, organizada pela Unesco em junho de 1997 –, pela primeira vez na praça Djamaa el-Fna, de Marrakesh, no Marrocos, propuseram a definição de um novo conceito de antropologia cultural, *o patrimônio oral*.<sup>20</sup> A Unesco encarregou-se então de criar uma distinção internacional para valorizar as obras-primas deste tipo de patrimônio. Realizou-se a mencionada Consulta Internacional, que concluiu na 29ª Conferência Geral, e que mediante resolução do Conselho Executivo, em novembro de 1999, decidiu criar uma distinção internacional intitulada Proclamação pela Unesco das Obras-primas do Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade. Em consequência, a Unesco elegeu no dia 18 de maio de 2001, dezenove obras-primas; entre estas destacamos as pertencentes ao mundo ibero-americano: o carnaval de Oruro (Bolívia), a língua, as danças e a música dos Garifu-

na (Belize, Honduras e Nicarágua), o patrimônio oral e as manifestações culturais dos Zapara (Equador e Peru), o Mistério de Elche (Espanha) e o Espaço Cultural da Irmandade do Espírito Santo dos Congos de Villa Mella (República Dominicana).<sup>21</sup>

Em 17 de outubro de 2003, na reunião da 32ª Conferência Geral da Unesco, assinou-se a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, instrumento multilateral, do qual não se dispunha e que completa eficazmente os acordos, recomendações e resoluções internacionais existentes, mediante novas disposições relativas a este tipo de patrimônio, definindo-o como:

(...) usos, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhe são inerentes – que as comunidades, os grupos e em alguns casos os indivíduos reconheçam como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial que se transmite de geração em geração, é recriado constantemente pelas comunidades e grupos em função de seu entorno, sua interação com a natureza e sua história, infundindo-lhes um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim, para promover o respeito da diversidade cultural e a criatividade humana.<sup>22</sup>

Em um mundo que se debate entre a globalização econômica e a mundialização da cultura, a noção de *patrimônio tangível e intangível* entrelaçada à *tradição cultural* converte-se em fator de identidade e integração, mas também em um novo desafio, neste caso para o Carnaval de Barranquilha. Somos conscientes, ao estudar o tema, que, além dos valores culturais indiscutíveis da festa, paralelamente acontecem negócios altamente lucrativos, em franco progresso, de quem tem monopolizado um carnaval que outrora fora realmente popular e democrático.<sup>23</sup> Ousamos sugerir àqueles que estejam trabalhando em reconhecimentos similares de outros carnavais e outras tradições orais, que observem cuidadosamente este aspecto. Neste sentido, o desafio de manter a distinção obriga-nos a ter presente, agora mais do que nunca, estas palavras de Nelly Decarolis, presidente do ICOFOM-LAM, que sustenta que:

(...) valorizar a memória individual e coletiva significa construir símbolos. Os símbolos anunciam a identidade e comunicam aos membros e não membros de cada grupo quem é e quem não é parte do mesmo. Por meio do reconhecimento destes símbolos se geram respostas adequadas à perspectiva do grupo simbolizado. É assim que o espaço simbólico das representações resulta num contexto onde a cultura atua como fonte de abertura e integração.<sup>24</sup>

A cidade de Barranquilha, sem dúvida, recebeu a distinção da Unesco com beneplácito, e seu povo é a melhor expressão de suas qualidades de centro urbano de portas abertas aos visitantes, ou a quem a elegeu para viver, não importa de onde provenham suas raízes: *Eu venho de outro lugar, porém sou barranquilhense.*<sup>25</sup>

Por Joseania Miranda Freitas

Tomando como referência a última frase do texto de Martha Lizcano e Danny González: “Eu venho de outro lugar..., sou brasileira, baiana, porém fui barranquilhense em três dias de visita ao Carnaval Patrimônio da Humanidade”.

Nesta segunda parte do texto, buscamos aproximar duas festas de caráter semelhante: o Carnaval de Barranquilha e o Carnaval dos blocos-afro e afoxés de Salvador, cidade portuária da costa leste do Brasil, no Atlântico sul e com a maior concentração de negros fora do continente africano.

O Carnaval de Barranquilha, recentemente proclamado Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade, teve como um dos fortes argumentos para esta distinção o fato de haver preservado uma série de elementos de inspiração africana. Isto leva a aproximações com o carnaval afro-brasileiro, realizado pelos blocos-afro e afoxés de Salvador.

Em dezembro de 2003, no âmbito do XII Encontro Regional do Icofom-LAM,<sup>26</sup> realizado em Salvador, cujo tema foi Museologia e Patrimônio Regional na América Latina e Caribe, iniciamos um diálogo com a professora Martha Sofia Lizcano sobre a possibilidade de intercâmbio entre nossas pesquisas relativas à presença da cultura africana nos carnavais de Salvador e do Caribe, mais precisamente na cidade de Barranquilha. Neste sentido, o Museu Afro-Brasileiro criou uma linha de diálogo e interlocução com a cidade de Barranquilha, buscando compreender a presença e importância do legado afro-descendente nas duas cidades, por meio de estudos que permitam às comunidades afro-brasileira e afro-caribenha conhecerem a memória das diversas formas de representação dos elementos africanos como marcas identitárias.

Este trabalho inscreve-se, inicialmente, em duas redes acadêmicas, no Brasil (Departamento de Museologia da Universidade Federal da Bahia) e na Colômbia (Departamento de História da Universidade do Norte), visando conhecer os processos históricos comuns, através da análise do afro-carnaval.<sup>27</sup>

O Carnaval, nas duas cidades em foco, constitui-se num espaço em que as mais variadas matrizes étnico-culturais são expressas. Na categoria afro-carnaval, estão inclusos aqueles em que a musicalidade, os instrumentos musicais, as danças, a indumentária, as máscaras, as alegorias são de inspiração africana. Observando-se as similaridades em localidades distantes geograficamente, é possível perceber como a forma singular de identi-

cação das culturas africanas plurais é construída, reconstruída, apropriada, reapropriada, significada e ressignificada nas diversas situações da diáspora, no período escravista e pós-escravista, pelos africanos e seus descendentes.

No período momesco seguinte à titulação, visitamos a cidade de Barranquilha para observar a presença e a influência afro-caribenha. Como fruto destas observações, apresentamos um relato das nossas impressões e reflexões, elaborando uma síntese panorâmica deste premiado Carnaval. Planejamos, num futuro próximo, a realização conjunta de uma série de estudos mais aprofundados sobre esta importante herança cultural, através de um processo de intercâmbio com pesquisadores caribenhos, para fortalecimento das ações de pesquisa, docência e extensão.

No Carnaval de Barranquilha, a dança da *cúmbia* destaca-se como uma importante manifestação, constituindo-se num retrato da capacidade do africano e de seus descendentes em se adaptarem às terras coloniais, enriquecendo a nova cultura através de um processo de hibridação. No desfile da *cúmbia*, é possível verificar uma síntese desta mestiçagem: o som dos tambores (africanos), a flauta (indígena), as mulheres que dançam vestidas à moda sevilhana, os homens cortejando as damas, com roupas que lembram os toureiros das festas de São Firmino em Pamplona, na Espanha; do mesmo modo que na Dança de Cocos no estado de Alagoas, no Brasil. O desfile da *cúmbia* se traduz numa explosão de ritmos afro-caribenhos que contagiam a platéia cativa. Tratando sobre as influências híbridas deste Carnaval, escreve Soto Mazonett:

O carnaval de Barranquilha é de origem européia, porém conserva os traços negróides em suas danças de Congo, Garabato e sons de negro; seu perfil indígena nas danças de aves e demais animais pré-hispânicos. Sua influência espanhola nos grupos carnavalescos (comparsas) e comédias romancesiras. Seu caráter triétnico na música e muitos de seus bailes. Se voltou definitivamente “crioulo”, (...) e se impôs entre nós, os costeiros, porque os negros, mulatos, indígenas e mestiços encontraram a oportunidade de romper transitoriamente com a coisificação imposta pelo “branco” dominante.<sup>28</sup>

A Dança de Congo, em Barranquilha como em toda América Latina, constitui-se num “(...) drama bailado que, ao som dos ritmos africanos encena a história dos negros quilombolas”.<sup>29</sup> Nela encontramos marcas identitárias que lembram algumas expressões culturais brasileiras de origem banto como o Maracatu, as Congadas, os Reis de Congo, Mouros e Cristãos, Quilombos, Cacumbi, Ticumbi, Moçambique, Zambiapunga, entre outras danças e folguedos de diversas partes do país, seja pelo colorido das roupas, pelo ritmo dos tambores ou pelo uso de guarda-sóis e das alegorias nas mãos. O estudioso Martín Orozco, da Universidade do Atlântico (Colômbia), chama a atenção para o costume conguel de

sustentar algo nas mãos: “Se observa que alguns integrantes das danças levam um boneco, ou qualquer outro objeto, ou bexiga de porco como totem protetor. Este fato faz parte de um costume ancestral das tribos conguesas nas suas danças rituais”.<sup>30</sup> Sobre a matriz congo, salientamos ainda a observação do estudioso brasileiro Théó Brandão:

(...) atualmente cada vez mais chegam alguns teóricos do folclore brasileiro à conclusão de que a maioria de nossos autos populares (Caboclinhos, Reisado, Guerreiros, Quilombos, etc.) é reinterpretação ou reelaboração do auto do Congo, que, por sua vez, já o é das Mouriscadas, Morescas ou “Mouros e Cristãos” europeus, adaptadas elas mesmas, (...) em cada país, às condições históricas e tradicionais da cada região.<sup>31</sup>

Na perspectiva intercultural, é possível inferir que a matriz africana conguesa seja a mais expressiva no Carnaval de Barranquilha. Embora desterritorializada pelo processo escravista, a cultura congo, de origem banto, ganhou novas formas de transmissão, comunicação e aprendizagem no novo continente. Mesmo em situação de migrações forçadas, os elementos culturais singulares foram mantidos com um ou outro traço identificador. A interculturalidade, presente nestas expressões, evoca elementos muito antigos, como as lutas feudais, apresentadas nos folguedos de *mouros e cristãos*, que foram legados aos ancestrais africanos pelas mãos dos missionários no período colonial.

Em Barranquilha, várias avenidas são transformadas em palco da festa carnavalesca. Destacam-se a Via 45, conhecida como “Calle de la Rumba” (Rua da Rumba), e a Via 40, principal centro do Carnaval, conhecida como *cumbiódromo*, numa alusão ao *sambódromo* do Rio de Janeiro. No *cumbiódromo* desfilam os grupos de *cúmbia*, junto com as demais danças tradicionais, como as danças de garabato, danças de negros, danças de congo, danças de índios, danças das farotas,<sup>32</sup> danças das negras bullangueras,<sup>33</sup> os grupos de fantasias ou *disfarces* como: as *marimondas* (uma mistura de homem e elefante) e o *torito* (touro – do universo das representações do boi), e os *disfarces* individuais, como as máscaras da morte, monstros, descabeçados, diabos e bruxas, enfim, entes tenebrosos, que servem para espantar e ridicularizar o medo.<sup>34</sup> Neste ano, foram 150 grupos folclóricos que desfilaram. Estas manifestações carnavalescas são tão importantes para a cultura caribenha que os estudiosos têm cogitado sobre a instalação de uma cátedra permanente na Universidade do Norte:

(...) única de seu tipo na região, desenvolverá temas como evolução dos carnavais da América Latina e Caribe, história do carnaval de Barranquilha, o carnaval como fato social, aspectos políticos das festividades, reflexões sobre o carnaval como indústria cultural, assim como suas possibilidades pedagógicas. O programa, dirigido a educadores, pesquisadores, gestores culturais e atores do carnaval, inclui também atividades complementárias como fóruns e conferências sobre as festas carnavalescas e um fórum internacional sobre o carnaval como patrimônio e indústria cultural.<sup>35</sup>

Como culturas híbridas do Atlântico, as manifestações carnavalescas de caráter afro, quer em Barranquilha ou em Salvador, são oriundas de dois principais pólos agregadores dos africanos escravizados e seus descendentes: os *quilombos* e a *religiosidade*. A memória dos quilombos, segundo Jaime E. Camargo Franco, “evoca anos de injustiça, exploração e maus-tratos, assim como anos de contínuos levantes e insurreições audazes e sangrentas de toda índole”.<sup>36</sup> Esta memória ancestral traz consigo marcas da escravidão, evoca fortes referências às lutas, levantes, insurreições, assim como remete às crenças, aos mitos e aos processos de criação de diversas associações culturais, recreativas e religiosas que fornecem o elo entre o ontem, o hoje e o futuro da herança cultural de matriz africana (afro-brasileira ou afro-caribenha).

O processo de sobrevivência da cultura africana em terras brasileiras, e em toda a diáspora, apresenta diferenças no seu modo de expressão, resultantes da diversidade regional da própria matriz africana e dos locais onde se instalou, mesclando a cultura dos diversos povos africanos à cultura dos indígenas nativos e à cultura dos colonizadores. Sobre a capacidade de adaptação e mescla de culturas, destacamos o texto da pesquisadora da Universidade Federal da Bahia, Maria de Lourdes Siqueira:

Em todos os momentos históricos registram-se processos de resistência cultural e religiosa profundamente perpassados pela sabedoria ancestral africana, nesta perspectiva de lutar, com os recursos possíveis, sempre em busca de caminhos, tentando criar espaços, realizando mesclas, trocas, empréstimos, justaposições entre suas próprias culturas e as do outro, sem perder nessa dinâmica, a essência dos fundamentos de suas matrizes civilizatórias.<sup>37</sup>

Neste sentido, podemos inferir que o espaço do Carnaval serve de moldura para a expressão desta amálgama, apresentando uma síntese das diversas festas religiosas vivenciadas durante o ano, em homenagem a santos padroeiros como Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santo Antônio, as festas do período natalino e de ano-novo, como bailes do pastoril, ternos de reis, entre outras, que não se constituem como unicamente profanas, como possa parecer numa primeira observação, por acontecerem fora do espaço da igreja, nos átrios ou nas praças. São estas expressões que foram adaptadas e apresentadas nos carnavais mais populares do Brasil e do Caribe.

A força expressiva das festas populares representa uma herança cultural, fruto de um mundo simbólico, povoado pelas crenças e valores religiosos, lembranças de um tempo em que o escravizado necessitava negociar e adaptar-se às regras do sistema escravista, para não perder completamente suas memórias ancestrais.

Os elos que construíram a herança africana na diáspora, tal como os fios de um tear, foram constituídos por redes informais, e muitas vezes formais, tecidos numa dinâmica

que exigiu dos africanos a compreensão do conhecimento do outro (do colonizador e dos demais escravizados), desde o aprendizado e reelaboração de línguas, costumes, até a reestruturação da religiosidade, que garantiram a permanência de formas singulares de sobrevivência, em face da diversidade que comporta o vocábulo afro.

A dinâmica cultural coletiva dos povos africanos e de seus descendentes por muito tempo foi negada. No caso do Brasil, após o processo de descolonização e final da monarquia, quando se tornava necessária a construção de um ideal de nação nos moldes europeus, foi preciso apagar o passado escravista, portanto afro-brasileiro e negro. A construção de uma nova nação brasileira não comportava a visibilidade coletiva desta dinâmica, negada desde os processos colonizadores.

Neste texto, buscamos compreender o Carnaval, mais especificamente o que aqui chamamos de afro-carnaval, numa perspectiva complexa, como um discurso interdisciplinar, que congrega e articula teorias e práticas de várias ciências. Usamos a ciência museológica como principal instrumento para entender o seu processo de transformação em patrimônio da humanidade, a partir da argumentação dialética entre a permanência das singularidades e a pluralidade das constantes mudanças e permanências culturais, que coloca no mesmo espaço-cenário elementos representativos de um passado, que se faz presente, e as transformações sociais e culturais dos seus envolvidos, quer indivíduos ou grupos.

Discutindo sobre a diversidade dos processos de materialização da cultura imaterial, chegamos ao fértil campo das contradições e diálogos entre memória e história. Se pensamos no continente africano, berço do que aqui chamamos de matriz africana, parte fundante do vocábulo afro, encontramos a vibrante dinâmica da oralidade, na qual se apóiam as tramas da memória, daquilo que se registra e se expressa nas mentes e corações interessados em reter determinadas informações. Estas informações são comuns aos povos africanos e seus descendentes que se dispersaram pelo continente americano, por isso encontramos similaridades em locais geograficamente distantes como Salvador e Barranquilha.

Sem entrar na discussão sobre as seleções e os filtros para a escolha do que é lembrado e recontado, salientamos que aqui no continente americano foi a memória ancestral a responsável pela guarda de símbolos e signos que hoje são distintivos de premiações, como o título de Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade para um carnaval que guarda esta memória identitária. Neste sentido, lembramos o que diz Michael Pollak:

(...) a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. (...) Podemos portanto dizer que a memória é um *elemento constituinte do sentimento de identidade* (grifo do autor), tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.<sup>38</sup>

A memória identitária, como memória ancestral, se expressa nos elementos carnavalescos, nascidos do universo simbólico das manifestações culturais, foi construída nas senzalas, nos quilombos, nos diversos espaços de trabalho, nos lugares sagrados (católicos e/ou afro-brasileiros), nas festas populares, onde quer que os africanos e seus descendentes conseguissem, de forma conjunta, materializar os saberes e as práticas ancestrais. Este aprendizado coletivo e sensível, transmitido às gerações, pertence ao universo da imaterialidade e da oralidade.

O conceito de patrimônio *oral* está indissociado do conceito de *imaterialidade*. O reconhecimento de *obras-primas* do *patrimônio cultural oral e imaterial* por parte de órgãos como a Unesco significa o reconhecimento das ações preservacionistas realizadas por pessoas simples, das pequenas comunidades rurais ou urbanas, muitas delas sem o domínio da cultura letrada, porém com a sensibilidade aguçada para o entendimento da cultura como processo educacional. Um dos argumentos metodológicos utilizados para a compreensão desta dinâmica social é a história oral, através do levantamento e sistematização do *saber-fazer* das comunidades, a fim de *vencer as lacunas e o esquecimento*, como chama atenção João Carlos Reis, tratando sobre questões teórico-metodológicas da história:

Todos os meios são tentados para se vencer as lacunas e silêncios das fontes (...). O arquivo do historiador renovou-se e diversificou-se (...). Agora, a história poderá ser feita com todos os documentos que são vestígios da passagem do homem. O historiador tem que vencer o esquecimento, preencher os silêncios, recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo.<sup>39</sup>

Compreendemos patrimônio cultural como um fenômeno dinâmico e transformador que nos convida à reflexão e proporciona aos grupos culturais conhecerem sua própria herança e as expressões culturais de outros grupos, seja buscando aproximações ou contrastes. A religiosidade e a resistência quilombola do povo africano e de seus descendentes serviram de ponto de convergência para que pessoas e grupos pudessem preservar singularidades, mesmo diante da pluralidade étnico-cultural vivenciada pelos sujeitos escravizados. Parece-nos impossível falar da participação da comunidade negra no Carnaval de Barranquilha e de Salvador sem voltar, efetivamente, a um passado mais distante, relacionado às lutas por liberdade.

Acreditavam os senhores de escravos que ao permitir que eles festejassem os santos católicos, em forma de alegres manifestações, mescladas às tradições africanas, permitiam tão-somente a vivência do lado profano da festa, pois não percebiam que a dimensão religiosa ancestral ali se perpetrava e se firmava, formando uma nova cultura em que eram

preservados importantes suportes identitários. Foram, principalmente, os *terreiros de candomblé*, no Brasil, e os *Palenques* (quilombos), na Colômbia, que guardaram fragmentos das línguas e formas de se cultivar os ancestrais e as forças da natureza. Elementos que foram recuperados pelas *comparsas* e grupos de *danças de negros* (cúmbia, garabatos, congos, sons de negros) em Barranquilha e pelos *afoxés* e *blocos-afro* em Salvador. Nessas manifestações culturais, os negros podiam entoar os cânticos, os diversos ritmos, as cadências melódicas, tocar os instrumentos musicais, utilizar os elementos decorativos: as cordas de sisal, as conchas, os tecidos, os penteados, a indumentária, as danças, as alegorias, os adornos corporais, como marcas identitárias.

Não se pode negar que, em muitos casos, os grupos buscavam e ainda buscam uma África mítica, através dos *rastros perdidos*, dos fragmentos de uma *memória negada, seqüestrada* na captura dos seus ancestrais. Essa *desejada* africanidade é expressa numa possível raiz comum, que, mesmo diante da diversidade, aparece nos sinais diacríticos com base na religiosidade, nas lutas por liberdade, nas linguagens, na cor da pele, etc., e principalmente nas formas de lazer, fazendo o elo entre a africanidade ancestral, relativa mais especificamente ao campo da imaterialidade, e o viver contemporâneo, relativo à dinâmica da materialidade/imaterialidade. Neste sentido, não são as diferenças em si que constroem a identidade étnica, mas ela “faz das diferenças sinais diacríticos, pois se constrói pela tomada de consciência e não pelas diferenças em si”.<sup>40</sup> Assim, com base na diferença e no contraste, os grupos do *afro-carnaval* de Salvador e de Barranquilha estão inseridos em processos explícitos de construção e afirmação de identidade étnica, que por sua vez é flexível, mutante e plural.

Os diversos povos descendentes dos africanos na diáspora tiveram suas memórias negadas. Na atualidade, assumem sua herança africana e reivindicam o registro da sua memória, através de ações sociais, educativas e culturais. Durante um longo período, a *invisibilidade* do negro na instituição museu, responsável oficialmente pelos registros da memória e da história nacional, tanto no Brasil como nos demais países colonizados, era notória, porém os movimentos sociais têm lutado para que as imagens dos povos africanos e de seus descendentes não se resumam tão-somente às representações de um passado escravista.

É importante destacar, no texto da profa. Martha Lizcano e Danny González, o caminho traçado pelas Nações Unidas para o reconhecimento das expressões e dos espaços culturais como merecedores do título ou distinção de *patrimônio da humanidade*; analisam desde as Conferências de Atenas (1931) e Veneza (1964), importantes marcos para a definição de patrimônio, até o primeiro documento relacionado com a proteção e salvaguarda do patrimônio imaterial, a Recomendação de 1989, na qual, segundo suas palavras,

a “África está à frente dos demais continentes”. Porém, relativamente aos registros de memória e história dos africanos (na África) e dos seus descendentes na diáspora latino-americana, ainda há um longo caminho a ser perseguido para a incorporação de teorias e práticas museológicas que possam dar conta da pluralidade étnico-cultural formadora dos países latino-americanos. Neste sentido, é preciso considerar que “ a prática museológica não pode estar dissociada do viver cotidiano, ela também não pode dissociar-se das questões étnicas, pois estas estão presentes no dia-a-dia da sociedade”.<sup>41</sup>

Distinções da Unesco são importantes, mas é preciso ter em mente o desafio da *manutenção* das características que deram a este Carnaval o merecido título. Grifamos a palavra *manutenção* no sentido de que não se pode esquecer a dinâmica das transformações sociais e culturais. Para responder ao desafio é necessário pensarmos nos registros de memória e de história dos povos. O desafio é pensar abordagens museológicas que incorporem argumentos para compreensão da dinâmica cultural incorporada no vocábulo afro, herdada através de uma memória coletiva, subjugada pelo sistema escravista em mais de quatro séculos, que precisa ser valorizada.

*Recebido em abril/2004; aprovado em maio/2004*

## Notas

\* Professora do Departamento de História da Universidade do Norte e da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Atlântico.

\*\* Comunicador social. Consultor em temas de comunicação, cultura e museologia. Pesquisador independente. Colômbia.

\*\*\* Professora do Departamento de Museologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

<sup>1</sup> Texto original escrito em espanhol, traduzido por Joseania Miranda Freitas.

<sup>2</sup> O ano de 1998 foi declarado *Ano Internacional dos Oceanos*. A Exposição Universal de Lisboa 1998 (ExpoLisboa '98) teve como tema *Os oceanos, patrimônio para o futuro*. Entre 150 países participantes, a Colômbia esteve presente com o tema *Colômbia pátria de três mares*, incorporando a idéia de que o país possui um terceiro mar, os rios Amazonas e Orenoco, que banham mais da metade do território nacional, constituindo um mar de água doce, além do Caribe e do Pacífico. Colômbia pátria de três mares. ExpoLisboa '98. *Pátria de três mares*. Santafé de Bogotá, 1998, n. 1, p. 2.

<sup>3</sup> O Caribe se caracteriza pela sua variedade ecológica, cujos ecossistemas vão desde o bosque seco de La Guajira até a selva úmida da região de Urabá, com as ilhas de Santo André, Providência e Santa Catarina e as ilhas do Rosário, que conformam um dos cenários marinhos mais bonitos da Colômbia. Ao longo das cordilheiras dos Andes se estende a região mais desenvolvida do país, a Andina, na qual se localizam as duas cidades mais importantes a capital, Bogotá e Medellín. O Pacífico é a região mais úmida, formada por diversas paragens

selváticas, e com cidades com grande vitalidade cultural, como Cali e Quibdó. A Amazônica é uma zona rica em espécies naturais, e a região menos povoada da Colômbia, por ela passa o rio mais caudaloso do mundo, o Amazonas, que lhe dá nome. A paisagem da Orenóquia tem como característica a presença de extensos lençóis atravessados por rios tributários do Orenoco, o terceiro rio mais caudaloso da América do Sul. Colômbia Viva. *Las regiones de Colombia*. Bogotá, 2000, pp. 34-47.

<sup>4</sup> GARCÍA MÁRQUEZ, G. “Por un país al alcance de los niños”. In: *Colombia al filo de la oportunidad. Misión Ciencia, Educación y Desarrollo*. Santafé de Bogotá, 1994, p. 5.

<sup>5</sup> Para maiores informações: RESTREPO, T. de la C. e LASTRA MIER, R. *Aspectos culturales del Caribe. Colômbia pátria de três mares*. ExpoLisboa '98. Santafé de Bogotá, 1998, pp. 65-67.

<sup>6</sup> O cosmopolitismo de Barranquilla “tinha a ver com sua condição sobressalente como porto colombiano: dezesseis países tinham representação consular em Barranquilla em 1892. (...) Em 1875 havia um pouco mais de trezentos estrangeiros vivendo em Barranquilla, quer dizer, 1,9% de sua população. Em 1912 este número havia crescido para 862. Nos anos seguintes seguia aumentando: 1.595 em 1918, 4.379 em 1928, 5.379 em 1951. (...) Em 1875 o maior número [de estrangeiros] provinha das Antilhas Holandesas, mais precisamente de Curaçao, seguido pelos venezuelanos, cubanos, ingleses, norte-americanos, franceses, alemães e italianos. Os espanhóis, sírios, norte-americanos e chineses, entre outros, se uniram à comunidade estrangeira durante os anos seguintes. Gente de pelo menos 42 nacionalidades diferentes se registraram na prefeitura de Barranquilla durante 1931”. CARBÓ, E. P. *El Caribe Colombiano. Una historia regional (1870 – 1950)*. Bogotá, 1998, pp. 329-331.

<sup>7</sup> CASTILLEJO, R. *El Carnaval en el norte de Colombia en Divulgaciones Etnológicas*, Barranquilla, S.F., Universidad del Atlántico (Vol. VI), (pp. 64-67).

<sup>8</sup> BANFI, J. A. “Nueva ciudad, nueva cultura”. In: *Así es Barranquilla*. Bogotá, 1999, p. 72.

<sup>9</sup> SOJO, E. Mc C. *Quién lo vive es quién lo goza en Euforia*, Bogotá, 2003, n. 8, p. 41.

<sup>10</sup> CUETO, D. G. *El Carnaval de Barranquilla en el documental: Una revisión histórica (1984-1994)*. Artigo de pesquisa inédito. Barranquilla, 2003, p. 1.

<sup>11</sup> “Os *coyongos* ainda se podem encontrar em Chimichagua [César]. As *cucambas* ainda conservam sua presença em Guamal [Bolívar]. As *pilanderas* nasceram em El Banco [Magdalena]. As índias farotas podem ser observadas em Talaigua, Bolívar. A manifestação chamada *O Caimán* (espécie de crocodilo ou jacaré) é patrimônio de Ciénaga [estado de Magdalena]. *O Congo Grande* e *El Torito* (o tourinho) relembram sua ascendência aos chamados *Cabildos de Negros en Cartagena* [de Índias], enquanto *Los Paloteos* têm uma história que os situam em Ciénaga e Magangué [Bolívar]. As *Animas de Rebolo* [bairro popular de Barranquilla] se inspiram em crenças mágico-religiosas adotadas em Sitio Novo, Salamina, El Piñón e outros povoados do Baixo Magdalena [Magdalena]. Por sua parte, a *Cúmbia* teve como berço principal a cidade de Cartagena [de Índias], para logo difundir-se pelos lençóis de Bolívar e por todo o antigo estado de Magdalena até chegar a assentar-se no estado do Atlântico”. ABELLO, M.; BUELVAS, M. e CABALLERO, V. e A. Yo vengo de otra parte, pero soy de Barranquilla... *Intermedio, Suplemento del Diario del Caribe*, Barranquilla, 1985 (10/02), p. 6.

<sup>12</sup> MINISTÉRIO DA CULTURA. Lei 706 de 26 de novembro de 2001, por meio da qual se declaram Patrimônio Cultural da Nação o Carnaval do Distrito Especial, Industrial e Portuário de Barranquilla, e o Carnaval de Pasto. Ministério da Cultura e Instituto Distrital de Cultura, Barranquilla, 2001. Em seu artigo 3º, esta Lei expressa na letra (a) a *Organização do Carnaval Internacional de Barranquilla, promovendo a interação da Cultura Nacional com a Universal*, subscrevendo-se desta forma ao programa de salvaguarda do patrimônio intangível da Unesco.

<sup>13</sup> Diante de 56 candidaturas e depois da avaliação e aprovação de dezoito jurados e ONGs internacionais delegadas pela Unesco, o Carnaval de Barranquilla foi declarado *Obra-prima do Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade*. Assim o fez conhecer o diretor-geral da Unesco, Koichiro Matsuura, em cerimônia realizada na sede desta organização, em Paris, em 7 de novembro de 2003. Disponível em: <http://www.carnavaldebarraquilla.org/es/patrimônio.htm>

<sup>14</sup> Alguns dos espaços ibero-americanos declarados Obras-primas do Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade, junto ao Carnaval de Barranquilha, foram: a cosmovisão andina dos Kallawayas (Bolívia), as Expressões Oraís e Gráficas dos Wajãpi (Brasil), a Tumba Francesa da Caridade de Oriente (Cuba), o Patrimônio Maroon de Moore Town (Jamaica) e as Festas Indígenas dedicadas aos mortos ou o Dia dos Mortos (México). No total foram proclamadas umas 28 obras-primas, um número significativo, caso se leve em conta que na primeira proclamação foram proclamadas só 19. A lista completa pode ser consultada no sítio oficial da Unesco na Internet. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/patrimônioimaterial>

<sup>15</sup> O primeiro manifesto internacional sobre conservação do patrimônio arquitetônico é a Carta de Atenas de 1931, redigida na capital grega, sob os auspícios do Escritório Internacional de Museus da Sociedade das Nações, a antecessora das Nações Unidas. HERNÁNDEZ, J. B. e TRESSERRAS, J. J. *Gestión del patrimonio cultural*. Barcelona, 2001. pp. 56 e 62 O texto na íntegra da Carta em inglês está disponível em: [www.icomos.org/docs/athens\\_charter.html](http://www.icomos.org/docs/athens_charter.html)

<sup>16</sup> Um dos pilares do Icomos (Conselho Internacional de Monumentos e Lugares Históricos) será a adoção da Carta de Veneza, redigida em 1964, na cidade italiana. HERNÁNDEZ, J. B. e TRESSERRAS, J. J. *Gestión del patrimonio cultural*. Barcelona, 2001. pp. 56 e 62. O texto da Carta em inglês está disponível em: [www.icomos.org/docs/venice\\_charter.html](http://www.icomos.org/docs/venice_charter.html)

<sup>17</sup> Unesco. Recommendation on the Safeguarding of Traditional Culture and Folklore. Unesco, Paris, 1989. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/patrimônioimaterial>. A Recomendação foi adotada pela 25ª Conferência Geral, em Paris, em 15 de novembro de 1989.

<sup>18</sup> A Tunísia foi a precursora da adoção de leis para salvaguardar a cultura tradicional e popular em 1967. Seguiram a Bolívia em 1968 (somente relacionado ao folclore musical), Chile e Marrocos em 1970, Argélia e Senegal em 1973, Kênia em 1975, Mali em 1977, Burundi e Costa do Marfim em 1978, Guiné em 1980, Barbados, Camarões e Congo em 1982, Ruanda em 1983, Benin e Burkina Fasso em 1984, República Centro-Africana em 1985 e Zaire (atual República Democrática do Congo) em 1986. MENORVAL, Y. de la G. de. "Protección, conservación y difusión del patrimonio cultural intangible". In: *Memorias Cátedra Unesco. Gestión Integral del Patrimonio en Centros Históricos*. Unesco, Ministerio de Cultura y Universidad Nacional Sede Manizales, Manizales, 2001.

<sup>19</sup> GOYTISOLO, J. *La plaza de Marrakech, patrimonio oral de la humanidad*. Marrakech, 1997. Disponível em: <http://www.cnice.mecd.es/tematicas/juangoytisolo> (Junho de 1997).

<sup>20</sup> Antecedentes. Obras Maestras del Patrimonio Oral e Imaterial de la Humanidad. Unesco, Paris, 2001. Disponível em: [http://www.unesco.org/culture/heritage/intangible/masterp/html\\_sp/background.shtml](http://www.unesco.org/culture/heritage/intangible/masterp/html_sp/background.shtml)

<sup>21</sup> A lista representativa completa das obras-primas proclamadas pela Unesco em 2001 pode ser consultada em: <http://portal.unesco.org/culture/en/cv.php>

<sup>22</sup> Unesco. Convenção para la Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Unesco, Paris, 2003. Disponível em: <http://www.unesco.org/cultura/es/php> (p. 3).

<sup>23</sup> Para mais informações sobre o tema do manejo econômico das festas ver em: El Heraldo, La Ley del Carnaval en editorial de El Heraldo, Barranquilha, 2002 y 2004. (27 de janeiro). Disponível em: [web.elheraldo.com.co:8081/antiores/periodicos/04-02-23/editorial/noti4.htm](http://web.elheraldo.com.co:8081/antiores/periodicos/04-02-23/editorial/noti4.htm) Rodolfo Sojo Zambrano comenta em "Económicas de El Heraldo", Barranquilha, 2004. (24 de fevereiro). Disponível em: [web.elheraldo.com.co:8081/antiores/periodicos/04-02-24/economicas/noti7.htm](http://web.elheraldo.com.co:8081/antiores/periodicos/04-02-24/economicas/noti7.htm) y Olga Emiliani H. Comentários "póstumos" em El Heraldo, Barranquilha, 2004. (2 de março). Disponível em: [web.elheraldo.com.co:8081/antiores/periodicos/04-03-02/editorial/noti5.htm](http://web.elheraldo.com.co:8081/antiores/periodicos/04-03-02/editorial/noti5.htm)

<sup>24</sup> DECAROLIS, N. Museologia, patrimônio regional e identidade. Documento apresentado no XII Encontro do Comitê de Museologia para América Latina e Caribe – Icofom-LAM. Bahia, 8 – 12/12/2003.

- <sup>25</sup> Ver ABELLO, B. e V., op. cit.
- <sup>26</sup> Conselho Internacional de Museus/Subcomitê Regional para América Latina e Caribe.
- <sup>27</sup> FREITAS, J. M. *El carnaval afro-brasileño en Salvador de Bahía: patrimonio de la cultura brasileña*. Texto inédito, apresentado em Conferência na Universidade do Norte. Barranquilha, fev. 2004.
- <sup>28</sup> SOTO MAZENETT, R. "Tradicción gestual, simbólica y verbal en el carnaval de Barranquilla". In: *Primer Encuentro de Investigadores del Carnaval de Barranquilla (memorias)*. Barranquilla, Fondo de Publicaciones de la Universidad del Atlántico, 1999, pp. 5-8.
- <sup>29</sup> ZARAZÚ, A. Texto disponível em: <http://www.identidadlatina.com/news.php?nid=452> Pesquisa em 8/5/2004.
- <sup>30</sup> OROZCO CANTILLO, M. "Elementos míticos en el carnaval". In: *Primer Encuentro de Investigadores del Carnaval de Barranquilla (memorias)*. Barranquilla, Fondo de Publicaciones de la Universidad del Atlántico, 1999, pp. 1-4.
- <sup>31</sup> BRANDÃO, T. *Quilombo*. Rio de Janeiro, Funarte/Série Cadernos de Folclore, v. 28, 1978, p. 6.
- <sup>32</sup> Farotas de Talaigua: conta-se que os colonizadores atacavam as indígenas e, como estratégia de defesa, certa vez, um grupo de homens indígenas se disfarçou e esperou os invasores no lugar de costume onde estavam as mulheres, vencendo assim, de surpresa, os invasores. No carnaval, grupos de homens saem fantasiados de mulheres à moda espanhola. In: BUELVAS ALDANA, M. *Cartilha del Carnaval (para grupos y disfraces)*. Barranquilla, Ministerio de Cultura/Fundación Carnaval de Barranquilla, 1998, p. 44.
- <sup>33</sup> Nota de tradução: Mulheres Bullangueras (brigonas): no carnaval, os homens, vestidos de mulheres, reproduzem as negras quilombolas (*palenqueras*) que vendem frutas nas praias e na cidade de Cartagena. As mulheres levam tabuleiros na cabeça, cheios de frutas; são chamadas "palenqueras" porque provêm do Palenque de San Basilio, comunidade de remanescentes de quilombos, próxima de Cartagena de Índias, no município de Mahates (Bolívar), um dos poucos lugares da Colômbia onde a presença africana ainda é muito forte, onde se fala, inclusive, uma língua de origem banto. A presença africana em Cartagena é mais forte no bairro chamado Nelson Mandela. Em Barranquilla, nos bairros Nova Colômbia, Valle y Montecristo, e em alguns outros (informações cedidas pela professora Martha Lizcano).
- <sup>34</sup> BUELVAS ALDANA, op. cit.
- <sup>35</sup> Cátedra Permanente de Carnaval en la Universidad del Norte. *Guía Cultural de Barranquilla y el Caribe*. Carnaval de Barranquilla; Patrimonio Oral e Intangible de la Humanidad, año 5 n. 31. Barranquilla, Uninorte. Enero-Febrero, (Actualidad), 2004, p.14.
- <sup>36</sup> CAMARGO FRANCO, J. E. Cimarronaje y palenque: itinerario de uma identidade cultural. Coordenadas de la cumbia. *Hullas; Revista de la Universidad del Norte*. Barranquilla, n. 67-68 (vol. doble), 2003, pp. 4-11.
- <sup>37</sup> SIQUEIRA, M. de L. "Os fundamentos africanos da religiosidade brasileira". In: MUNANGA, K. (org.). *História do negro no Brasil; o negro na sociedade brasileira: resistência, participação, contribuição*. Brasília, Fundação Palmares/Ministério da Cultura, v. 1 2004, pp. 152-204.
- <sup>38</sup> POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 10 (Teoria e História). Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/Fundação Banco do Brasil, 1992, pp. 200-215.
- <sup>39</sup> REIS, J. C. "Os Annales: a renovação teórico-metodológica e 'utópica' da história pela reconstrução do tempo histórico". In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C. e SANFELICE, J. L. (orgs.). *História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual*. Campinas, Autores Associados Histedbr, 1998, pp. 37-38.
- <sup>40</sup> PINTO, R. P. Movimento negro e etnicidade. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 19, Rio de Janeiro, 1990, p.112.
- <sup>41</sup> FREITAS, J. M. *Museu do Ilê Aiyê: um espaço de memória e etnicidade*. Dissertação de mestrado. Salvador, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 1996, p. 60.